

## 2 Metodologia e trajetória

Neste capítulo apresento as escolhas metodológicas para esta investigação, buscando verificar sua aplicabilidade para atingir as repostas das questões iniciais, além de definir os instrumentos utilizados em campo e nas análises que se seguirão nos capítulos posteriores. Na segunda metade, descrevo a trajetória desta pesquisa, os desvios que se formaram no caminho até a chamada, pelos antropólogos, “descoberta etnográfica”.

O estudo do cotidiano escolar tem sua origem desde o final do século XIX, quando os cientistas da área das ciências sociais começaram a questionar se a perspectiva positivista de conhecimento seria a mais apropriada para os estudos dos fenômenos humanos e sociais. Argumentava-se que a complexidade destes fenômenos e o contexto particular em que ocorriam necessitavam de uma abordagem metodológica hermenêutica que se preocupasse com a interpretação dos significados (André, 2007). O foco da investigação deveria ser a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos as suas ações.

Esta forma contextualizada de estudar a escola pode ser capturada pela pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, a fim de fornecer um contorno amplo e análises interpretativas do seu cotidiano, evitando a fragmentação. Porém, esta aproximação só é possível, quando a escola deixa de ser vista como mera transmissora de uma cultura da sociedade onde estava inserida e passa a se compreendida como um sistema social autônomo e produtor de cultura. (André, 2007; Van Zanten, 1999; Canário, 2005; Nóvoa, 1992, Forquin, 1993).

Nesta pesquisa optei por uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, a fim de investigar a influência dos *fatores intraescolares no desempenho dos alunos*. Principalmente, porque o meu foco é o cotidiano escolar, marcado por uma complexidade e multiplicidade de sentido, que procuro investigar de forma coletiva e dinâmica, sem correr o risco de um estudo fragmentado. Assim, a abordagem etnográfica permite a análise dos processos internos da escola e uma valorização dos saberes locais.

Através do contato direto com a situação pesquisada, procurei reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. Busquei com a observação participante torna possível documentar o não-documentado, interpretar as ações e representações dos atores sociais da escola, reconstruir sua linguagem e instituir significados as práticas pedagógicas cotidianas, tornando possível reconhecer os modos de organização da escola, e as relações que se estabeleciam no dia a dia;

A imersão no campo de pesquisa me permitiu chegar perto da escola e entender como são reelaborados os conhecimentos, as atitudes, os valores, as crenças, o modo de ver e de sentir a realidade. Foi possível analisar a escola como uma organização autônoma que produz uma cultura própria, baseando-se em uma série de ações que retém significados específicos no meio escolar.

Procurei, ainda, exercitar o estranhamento, isto é, estranhar o que aparentemente é familiar, a fim de buscar novos significados para as práticas do cotidiano escolar que já sofreram um processo de naturalização intenso.

Tanto durante a permanência no campo de pesquisa quanto diante das análises e interpretações dos dados busquei uma constante interlocução da teoria com a prática. Pois, não se tratava apenas de fazer um retrato do cotidiano escolar, mas envolvia um processo de reinterpretação da prática, desvelando suas múltiplas dimensões, apontando contradições, só alcançados com a orientação teórica. Todavia, a principal dificuldade foi não me deixar influenciar demais pelos fundamentos teóricos, mascarando minha visão da prática e só enxergando no campo o que supostamente queria ver. O que está diretamente relacionado com a questão complexa da objetividade frente à subjetividade, na qual a pesquisa etnográfica deve se voltar para os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los, e não tentar encaixá-los em concepções e valores do pesquisador (André, 2007).

Entendo que a questão da influência da subjetividade do autor sempre poderá ser um problema em qualquer tipo de pesquisa, tanto qualitativa quanto quantitativa. Pois, será o pesquisador a dominar a cena durante toda interpretação e análise dos dados. Daí, a importância do recurso etnográfico, que vem trazer o “ponto de vista do nativo”, contrabalanceando com os fundamentos teóricos escolhidos e a própria subjetividade do pesquisador. O objetivo era entender o outro que frequenta a escola, embasado no real e no individual da instituição.

## 2.1. O visto, o dito e o escrito

Para construir a metodologia desta pesquisa que intitulei, “*o visto, o dito e o escrito*”, procurei articular diferentes elementos para coleta e análise dos dados. O primeiro deles foi o levantamento dos dados estatísticos sobre a escola investigada e sua interpretação a luz das observações do cotidiano escolar, adotando um *jogo de escalas* (Brandão, 2008). Saindo do macro até chegar ao micro, constituído pelo ambiente escolar e seus atores, foi reunida uma série de dados baseados no que foi visto ao longo do tempo de imersão na escola, no que estava escrito nos documentos encontrados e questionários aplicados, e no que foi dito pelos atores nas entrevistas e conversas informais.

Para isso me apropriei das orientações metodológicas de alguns antropólogos: Geertz (1989), Da Matta (1983), Zaluar (1986), Foot-Whyte (1980) e Malinowski (1980). Paralelamente, buscando adequar tais fundamentos metodológicos à pesquisa educacional, adotei as interpretações de André (2007) e de Brandão (2002). O objetivo era aproximar os instrumentos metodológicos da pesquisa do cotidiano escolar, garantindo o rigor e a validade da pesquisa.

Na descrição dos instrumentos utilizados nesta pesquisa, organizei da seguinte forma: instrumentos de objetivação, instrumentos de análise e procedimentos.

### i) Instrumentos de objetivação:

Entendo por instrumentos de objetivação os recursos ou as estratégias utilizados pelo pesquisador no campo, para recolher os dados de forma intensa. Estes instrumentos permitiram a sistematização dos dados de maneira ordenada e integrada, além de conferirem o rigor e o surgimento de questões novas, ao longo do trabalho de campo.

Foram eles:

- Anotação sistemática em um diário de campo de todos os fatos reais pertinentes ao objeto de estudo durante os seis meses de trabalho de campo;
- Seleção de documentos para análise: planejamento anual das disciplinas, relação dos bens patrimoniais, matriz curricular, livros atas com os resultados de 2005 à 2007, ofícios recebidos e encaminhados,

regimento interno, atas das reuniões pedagógicas, calendários, murais da escola;

- Elaboração de gráficos, tabelas, quadros, mapas e listas;
- Desenhos do espaço escolar, da arrumação das salas de aulas e das reuniões;
- Montagem de quadros sinóticos para comparações entre as entrevistas, as observações de campos e as respostas dos questionários abertos aplicados;
- Busca por regularidades existentes e interpretações lógicas, durante o momento de observação e coleta de dados;
- Observação e participação em reuniões pedagógicas, conselhos de classe, reunião de pais, encontro com alunos, festas escolares, confraternização entre a equipe da escola;
- Organização dos dados coletados, estabelecendo categorias e criando índices.

#### ii) Instrumentos de análise:

Entendo por instrumentos de análise, as estratégias adotadas pelo pesquisador para analisar os dados coletados, identificando estruturas de significação. Para isso, ao analisar um grupo de idéias procurei ter cuidado com as distorções e falta de precisões, sem me basear apenas em generalidades ou visão positivista demais. Não deixei de analisar junto com as falas das entrevistas o contexto no qual foram produzidas.

A análise da situação ou análise situacional (Gluckman, 1980, 1987) permitiu identificar as relações entre os atores e grupos, muito importante para o diagnóstico do clima escolar da instituição investigada. A análise situacional possibilitou o recorte de uma situação e a percepção de como as relações se estabelecem. Permitiu a análise das pessoas ou dos processos, principalmente em relação ao perfil do gestor ou da organização das normas escolares.

Foi possível, através de comparações entre as situações e análise das categorias selecionadas fazer generalizações, evidenciar e entender conflitos e desajustes.

#### iii) Procedimentos

Dentro da escola investigada, a coleta de dados se realizou sobre os seguintes aspectos:

- Perfil da gestão: observação participante, documentos emitidos, circular aos professores, recados nos murais, discurso em reuniões;
- Estrutura física e material: entrevistas, questionários, observação participante, análise documental (patrimônio);
- Projeto pedagógico: observação participante, análise documental (projeto, grade curricular, listagem das turmas, atas de conselho de classe, processos de recuperação, sistema de avaliação), entrevistas, questionários;
- Clima escolar: entrevistas, questionários, observação participante em todos os ambientes escolares: reuniões, festas, recreio, entrada e saída dos alunos, sala de aula, conselhos de classe.

## **2.2. Trajetória da pesquisa**

Neste momento, me coloco na posição de narrador para descrever os caminhos que esta pesquisa foi tomando ao longo de seu desenvolvimento. Desde a montagem do projeto de pesquisa, tinha muitas dúvidas sobre em quais elementos deveria me debruçar para entender as estatísticas de uma escola. Inicialmente, a minha subjetividade teimava em querer levantar uma série de hipóteses, desde a total inexatidão dos dados até sua aceitação com verdades absolutas. Tinha clareza que meu foco era o estudo da escola e a idéia/hipótese de que as escolas podem fazer a diferença, como já trouxe nas observações teóricas do capítulo um. Porém, em meio a muitas leituras, observações e reflexões tudo foi tomando seu rumo, como meus professores me avisaram que seria. Lembro que escrevi no início de meu projeto o seguinte parágrafo:

*“Por se tratar de uma pesquisa do tipo etnográfico, na qual os problemas são estabelecidos no próprio campo de pesquisa, tenho algumas dificuldades para fazer um recorte específico das questões que nortearão este trabalho. Mas, compreendendo que por mais que a etnografia busque uma análise contextualizada e ampla da realidade, é necessário que o pesquisador faça opções, a fim de objetivar seu estudo. Portanto, seleciono como principal questão para este projeto: De que forma os fatores intraescolares estão influenciando no baixo desempenho dos alunos?”*

E, foi exatamente isto que aconteceu. Escolhi, no primeiro momento, entender uma escola que apresentou os menores índices de desempenho e rendimento em uma região de classe popular. Mas, ao entrar no campo, algumas *certezas* mudaram. Depois de, vencidas as burocracias junto aos órgãos oficiais para minha entrada nesta escola, chegou o meu primeiro dia de trabalho de campo:

*“Por volta das 13 horas cheguei à escola. Demorei um pouco para encontrá-la, até que alguns moradores me mostraram a escola no pé de um morro asfaltado. À primeira vista me espantei com a aparência da escola, pois tinha em meu senso comum a idéia de que uma escola que recebeu baixo índice deveria ter sua estrutura física comprometida, mas não era o que acontecia. A escola tinha muros altos, bem pintada de verde e branco, com detalhes laranja. Era hora da entrada dos alunos do segundo turno e havia um pequeno portão por onde os alunos entravam. Ao passar por este portão havia um espaço demarcado por um muro pequeno e um pequeno portão, onde alguns alunos estavam retidos. Pedi para falar com a diretora e fui conduzida para o pátio interno. Lá os alunos formavam dentro da quadra, que era coberta e circundada de tela. Aguardei apenas alguns segundos até que a diretora adjunta veio até mim e me apresentei como pesquisadora autorizada pela secretaria de educação para fazer uma investigação nesta escola. Fui conduzida até o gabinete. Expliquei minha pesquisa e entreguei as autorizações afirmando que a secretária havia me indicado esta escola para pesquisar, o que foi recebido com entusiasmo. Eu ainda não entendia muito bem, como uma escola ficava entusiasmada ao entender que meu foco era estudar escola de baixo desempenho, pois tinha para mim que a resistência seria grande de abrir os portões da escola para esta investigação. Fui muito bem recebida. A diretora respondeu prontamente minhas primeiras questões sobre o número de turmas, séries e horários. Despedi-me e marquei de voltar duas vezes por semana.”( DIARIO DE CAMPO, 19/06/2008)*

Neste primeiro contato, novas perguntas já começaram a surgir. Porém, o que mudou realmente o rumo desta pesquisa aconteceu em minha segunda visita, na qual fui recebida pela diretora geral:

*“Cheguei à escola e fui direto para sala dos professores, a diretora já me aguardava. Percebi que havia um clima de euforia entre os professores, até que a diretora me diz que estavam todos felizes com os novos índices do Ideb, pois a escola tinha superado as expectativas, subindo do índice 2,2 para 4,3, na avaliação do segundo segmento do ensino fundamental.”(DIARIO DE CAMPO, 24/06/2008)*

E agora? Meu primeiro pensamento foi de que deveria mudar de escola. Mas, por que não mudar o meu foco de pesquisa? Por que não buscar entender quais as alterações nos fatores intraescolares poderiam ter influenciado nesta melhora do desempenho dos alunos?

Assim, constatei que um objeto de estudo pode ser construído durante a pesquisa e que os problemas são estabelecidos no próprio campo de investigação. Meu objeto de estudo continuou sendo os fatores intraescolares e

sua influência sobre o desempenho dos alunos, o que mudou foi a ótica como passou a ser analisado. Não mais, partindo do fracasso escolar e sim do bom desempenho dos alunos.

Os estudos sobre escolas eficazes serviram para levantar hipóteses, porém sem a tentativa de explicar o real ou buscar evidências como verdades absolutas. Ao longo da apresentação das características da escola e das falas de seus atores foi sendo possível interpretar os dados estatísticos e chegar a algumas conclusões.

Após o primeiro dia na escola, procurei adotar a observação participante com alguns cuidados: ao entrar em campo, expliquei de forma simples qual o motivo de minha presença entre eles, seja no contato com os alunos nos trabalhos que desenvolvi nas turmas ou em conversas informais com funcionários e professores; tive na figura da diretora geral uma grande colaboradora, que me guiou abrindo caminhos importantes; procurei não fazer pré-julgamentos nem discutir com as pessoas, porém participei de debates em algumas reuniões, evitando dar minha opinião; muitos dados obtidos foram recolhidos pela observação das ações sem perguntas diretas, a fim de captar o não-dito (Foot-Whyte, 1980).

O trabalho de campo durou seis meses, de junho à dezembro, o que tornou possível cobrir diversas etapas do ano letivo, inclusive o período final, no qual procurei perceber como são instituídos os processos de aprovação e reprovação da escola. Neste período, visitava a escola duas vezes por semana, em dias diferentes, a fim de ter contato com a maioria dos profissionais. As visitas sempre aconteciam no turno da tarde quando funcionava o segundo segmento do ensino fundamental. O foco da investigação se deu neste nível de ensino devido as variações nos resultados do Ideb.

Realizei entrevista semiestruturada<sup>11</sup> com dois tipos de roteiros. O primeiro, direcionado para equipe pedagógica, incluindo diretora geral, adjunta, orientadora educacional, coordenadora geral, secretária, professor da sala de leitura e agente de pessoal, totalizando sete entrevistas. O objetivo era obter dados sobre as suas concepções de escola de qualidade, de como a escola se organizava, como se desenvolviam os processos de tomada de decisão, quais as mudanças ocorridas na escola nos últimos anos, principais influências externas e suas percepções sobre o ambiente escolar. O segundo roteiro foi uma simplificação do primeiro, apenas, se detendo nas relações entre os pares e

---

<sup>11</sup> Segue modelo em anexo.

nos processos de mudanças. Estas entrevistas foram realizadas com dois funcionários da limpeza, dois inspetores, três merendeiras e dois auxiliares de secretaria, que totalizavam os funcionários da escola no horário da tarde.

A fim de ter um contato mais direto com os alunos, realizei algumas dinâmicas nas salas de aulas com uma turma de cada série do 6° ao 9° ano do Ensino fundamental. As dinâmicas consistiam em estimular os alunos a fazerem desenhos sobre a escola que queriam e as mudanças que a escola havia apresentado nos últimos anos e escreverem sobre as suas perspectivas de futuro. Nestas mesmas turmas, apliquei um questionário<sup>12</sup> com dezesseis questões, (sendo seis abertas e dez fechadas) para identificar as práticas pedagógicas mais comuns realizadas pelos professores na sala de aula.

Ao longo do trabalho de campo participei de reuniões de pais, conselhos de classe, reuniões pedagógicas, confraternização entre a equipe e festa das crianças. Acompanhei o movimento de entrada e saída de alunos, atendimento individualizado aos pais, distribuição da merenda e de material escolar, horário do recreio no pátio e na sala dos professores, aplicação de provas e recuperação, recados expostos nos murais, dentre outras atividades escolares.

A maior dificuldade foi o acompanhamento dos professores, uma vez que estes estavam sempre ocupados ministrando aulas ou saindo correndo para outra escola, não facilitando a realização de entrevistas. Porém, dada a importância de se ouvir os professores, distribuí um questionário<sup>12</sup>, com catorze questões abertas, entre os quarenta e dois professores de toda escola, sendo dezesseis do primeiro segmento do Ensino Fundamental e vinte seis do segundo segmento. Obtive o retorno de vinte oito questionários. As questões selecionadas tinham o objetivo de entender as concepções dos professores sobre o bom desempenho dos alunos e os fatores intraescolares que o favorece, sobre as formas de organização da escola, as dificuldades, as mudanças ocorridas na escola e as percepções sobre o ambiente escolar.

Na apresentação dos dados, a escola investigada e seus atores receberam nomes fictícios a fim de garantir o seu anonimato. Enquanto o município, no qual a escola se localiza, recebeu o nome de João de Deus e a escola investigada foi nomeada, ao longo de todo texto, como escola Darwin. Escolhi o nome Darwin pela evolução nos índices de desempenho que a escola apresentou e a necessidade de estudá-la mais de perto. Assim como Charles

---

<sup>12</sup> segue modelos em anexo

Darwin<sup>13</sup>, célebre revelador dos mistérios da *evolução*, descobriu que a luta pela vida é decidida por um processo de seleção natural, quais serão as respostas para a melhoria nos resultados da escola investigada?

---

<sup>13</sup> DARWIN, Charles (1959). *Origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, edição atual 2004.